

18 de junho de 1958

Seminário da quarta-feira de 18 de junho de 1958

Dezoito de junho é também o aniversário da fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise. Nós também, num certo momento, dissemos não.

Na última vez comecei a comentar a observação de uma obsessiva feminina sendo tratada por um de nossos colegas, e a delinear alguns princípios que podem ser deduzidos da maneira pela qual tentamos articular as coisas, quanto ao caráter bem dirigido ou mal dirigido, correto ou não correto da conduta de um tratamento centrado sobre algo que, evidentemente, existe no conteúdo daquilo que a análise traz, a saber, a tomada de consciência do desejo do pênis.

Creio que, no conjunto, vocês vêem o interesse do uso que fazemos disso. Naturalmente, há sempre pequenos atrasos e esquemas nos quais se detiveram, oposições que lhes pareceram fáceis de memorizar mas, que são recolocadas em questão depois, e deixam-nos confusos.

Bastava, por exemplo, se perguntar se não havia contradição entre o que eu disse na última vez e um princípio no qual se pensou dever se deter. Eu dizia que o desenvolvimento sexual da mulher passava obrigatoriamente por algo que poderia ser chamado de: ela deve ser o falo sobre o pano de fundo que ela não o tem, dizia-se. Para o homem, é o complexo de castração que pode se formular por isto: que ele tem o falo sobre o pano de fundo daquilo que ele não tem, ou está ameaçado de não ter. Evidentemente são esquemas que, sob um certo ângulo, e quando se fala, e quando se opõe o desenvolvimento sexual a tal ou tal fase, podem mostrar bastante bem uma certa oposição. É totalmente insuficiente se deter nisto, posto que esta dialética do ser e do ter vale para ambos.

O homem, também, deve se aperceber que ele não o é. É nesta direção que podemos ver se situar uma parte dos problemas aplicados pela solução do complexo de castração e o penis-neid. Vamos ver isso mais detalhadamente e espero que aos poucos vocês recolorem em seu lugar as coisas que não são falsas em si, mas que são visões parciais.

Para tal, partamos novamente, hoje, de nosso esquema.

É extremamente importante articular convenientemente as diferentes linhas nas quais a análise se situa. Há um artigo cuja leitura eu lhes aconselho: é um artigo de Glover que se chama *Therapeutic effects of the inexact interpretation* (Vol. 1:31, vol. 12: art. 4 do I.J.P.).

É um dos artigos mais notáveis e mais inteligentes que possa ser escrito sobre um assunto como este. Ele determina exatamente a base de partida sobre a qual a questão da interpretação pode ser abordada.

Em suma, o fundo deste artigo e do problema que coloca é algo que pode se situar aproximadamente assim: no ponto e no momento onde Glover escreve, ainda estamos no momento em que Freud está vivo, mas em que a grande virada da técnica analítica da análise das resistências e da agressividade já ocorreu. Glover articula que a análise destas resistências e da transferência é algo que, com o desenvolvimento das noções adquiridas na análise e a experiência, é algo que implica o percurso, a cobertura, por assim dizer, no sentido em que um terreno deve estar coberto pelo progresso analítico da suma dos sistemas fantasmáticos - traduzamos assim *fantasms systems* os sistemas de fantasmas - que aprendemos a conhecer na análise. É claro que naquele momento se sabe mais, se aprendeu mais que no início da psicanálise, e a pergunta que se coloca é: O que eram nossas

18 de junho de 1958

terapêuticas quando não conhecíamos em toda sua amplitude, em todo seu leque, este sistema de fantasmas?

Quer isso dizer que o que fizemos naquele momento eram curas incompletas, menos válidas que as que fazemos atualmente? É uma pergunta muito interessante e a propósito da qual convém fazer uma espécie de situação geral de todas as posições articuladas, tomadas por aquele que está na posição de consultante em relação a um distúrbio qualquer. De certa maneira ele generaliza, ele estende a noção de articulação a toda e qualquer posição articulada tomada por aquele que é consultado, e ele faz a escala das várias posições do médico em relação ao paciente.

Há uma antecipação da relação médico-paciente, como se diz hoje em dia, mas verdadeiramente articulada de uma maneira da qual eu lamento que não tenha sido desenvolvida neste sentido que abre uma espécie de via geral. É por que desconhecemos a verdade incluída no sintoma que, deste fato, estamos colaborando com este ato sintomático.

Ele tomou isto desde o médico generalista que diz ao paciente: mexa-se, vá ao campo, mude de ocupação, enfim, que se coloca em posição de desconhecimento. Ela ocupa logo um certo lugar, o que não é algo ineficaz, já que é algo que se situa, se avista, se marca no próprio lugar onde certos sintomas se formam. Ele ocupa logo uma certa função em relação ao paciente que é instável nos próprios termos da tópica analítica. Não insisto nisso. Ele nota num ponto que a *modern therapeutic analytic* em sua época é a direção do interpretado e daquilo que chama de os sistemas sádicos e as reações de culpabilidade. Ele faz notar que, até uma época recente, tudo aquilo não havia sido posto em evidência. Sem dúvida alguma, aliviava-se o doente da ansiedade. Mas certamente era deixado irresoluto este famoso sistema sádico, irreprimido, logo, recalcado.

Eis um exemplo da direção na qual ele não conclui observações, mas as delinea, começa, e é o que seria interessante retomar hoje em dia.

A este propósito, justamente, vou fazer uma observação. Tratar-se-ia de situar o que quer dizer esta vinda da análise da agressividade. Durante um certo tempo, os analistas foram impressionados de tal maneira na descoberta que fizeram, que isso tinha se tornado um espécie de torta de creme. Nossa agressividade foi tão bem analisada quanto os termos nos quais os analistas em formação se encontravam dizendo.

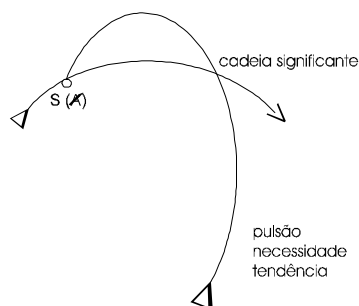
Tratar-se-iam de saber o que efetivamente esta descoberta representou, e penso que podemos situá-la em algum lugar sobre o esquema fundamental que é o nosso. É o que tentei fazer há pouco, pois sobre isso também podemos nos fazer perguntas. Fiz muitas vezes observar quão grande era a ambigüidade que permanecia, no tempo em que eu lhes ensinava, gritava o sistema narcísico como tal, como fundamental na formação das reações agressivas, que a agressividade, aquela provocada na relação imaginária ao *pequeno outro* não é algo que possa se confundir com a soma da potência agressiva, como uma função vital, uma relação imaginária.

Por outro lado, para lembrar estas coisas de primeira evidência, é claro que a violência é essencial na agressão, ao menos se nos situarmos no plano humano. Não é a palavra, é mesmo exatamente o contrário, é a violência ou a palavra que pode ocorrer na reação inter-humana, se a violência for algo que, em sua essência, se distinga da palavra. A questão pode ser colocada, de saber em que medida a violência - digo a violência, para diferenciá-la da agressividade - pode ser recalcada, posto que, se nós soubéssemos aquilo que aqui pusemos

18 de junho de 1958

como princípio não poderia teoricamente estar recalcado, aquilo que se revela balizado à estrutura da palavra, isto é, a uma articulação significativa, é uma pergunta que deve ser feita.

Com efeito, por meio do imaginário, é por meio do assassinato do semelhante, latente na relação imaginária como tal, que aquilo que é da ordem da agressividade chega a ser simbolizado, consegue sê-lo, e, como tal, preso no mecanismo daquilo que é inconsciência, daquilo que é analisável, mesmo daquilo que é, digamos isso de maneira geral, interpretável. Retomemos bem as coisas. Se partimos novamente, se re-soletrarmos nosso pequeno esquema, nosso esquema sob sua forma mais simples:



a saber, neste entrecruzamento da tendência, se quiserem, a pulsão, na medida em que representa uma necessidade individualizada, e de algo que é a cadeia significativa onde deve vir se articular.

O que é isso por si só? Isto já nos dá alguns elementos e nos permite fazer algumas observações.

Façamos uma suposição: suponhamos que haja, para o ser humano, somente a realidade, esta famosa realidade da qual fazemos uso a torto e a direito. Suponhamos que só haja isso. Não é impensável que algo significativo articule esta realidade. Para fixar as idéias, suponhamos que, como querem dizer às vezes, em certas escolas, o significativo seja somente um condicional, não direi dos reflexos, mas deste algo que, redutível aos reflexos, como se a linguagem não fosse algo de outra ordem que não aquilo que criamos artificialmente em laboratório, ensinando-o a secretar suco gástrico ao som de um sininho. Este som é um significativo, e pode-se supor um mundo humano inteiramente organizado em torno de uma coalescência das necessidades, de cada uma delas, que devem se fazer entender com um certo número de signos pré-determinados. Se estes signos forem válidos para todos, teoricamente, isto deve possibilitar uma sociedade que funcione de maneira ideal. Cada emissão pulsional à medida das necessidades estará associada a algo que chamaremos, se quiserem, de o som de sino diversamente variado, que funciona de maneira conveniente para que aquele que o ouve satisfaça imediatamente a necessidade. Chegamos assim à sociedade ideal.

Notem que o que estou descrevendo é o que os utopistas estão sonhando ver ocorrer, desde sempre: uma sociedade funcionando perfeitamente e terminando com a satisfação de cada um conforme suas necessidades, todos participando conforme seus méritos, acrescenta-se. Aí é que começa o problema.

Em suma, se este esquema permanecer neste nível do entrecruzamento do significativo com o empurrão ou a tendência da necessidade, a que ele chega? À identificação do sujeito ao

18 de junho de 1958

outro, na medida em que este articulou a distribuição daquilo que pode responder à necessidade de distribuição dos recursos.

Isto é o que faz parecer que as coisas não são assim, a saber, que é absolutamente necessário fazer entrar em linha de conta este segundo plano da demanda simplesmente para mostrar o que ocorre nesta articulação do sujeito numa ordem que existe além da *ordem do real* que chamamos de *ordem simbólica*, que a complica, que se sobrepõe a ela, que não adere a ela.

Desde já, porém, neste nível, neste estado simples do esquema, podemos verificar que já neste nível ocorre algo da ordem natural, da ordem orgânica, digamos, pelo menos no homem, que complica este esquema, simplesmente neste estágio onde está descrito no quadro, e que consiste nisto: é que eis o sujeito, esta criança mítica, digamo-lo bem, que nos serve de segundo plano para nossas especulações psicanalíticas, esta criança na presença de sua mãe que começa a manifestar suas necessidades. É aqui que ela encontra a mãe na qualidade de sujeito falante. É aqui que chega sua mensagem, pelo menos onde a mãe a satisfaz. Como fiz observar, não é no momento em que a mãe não a satisfaz, a frustra, que começam os problemas. Isso seria por demais simples, ainda que, evidentemente se esforcem para sempre voltarem a isso, justamente porque é simples. Eu lho disse, o problema interessante, aquele que não escapou de Winnicott, por exemplo, de quem se sabe que o espírito e a prática cobrem toda a amplitude do desenvolvimento atual da psicanálise e de suas técnicas, até, inclusive, uma consideração extremamente precisa dos sistemas fantasmáticos que estão sobre o limite, sobre o campo-fronteira com a psicose. Em seu artigo sobre os objetos transacionais de que estou falando, Winnicott mostra com a máxima precisão que o problema essencial é saber como a criança sai da satisfação, e não da frustração, para se construir um mundo.

É na medida em que um mundo se articula para o sujeito humano, que comporta um além da demanda, quando a demanda é satisfeita e não quando é frustrada, é isso que ele chama de objetos transacionais, isto é, estes objetos miúdos que vemos muito cedo adquirirem uma importância extrema na relação com a mãe, a saber, um canto de fralda que puxa ciumosamente, um pedacinho de qualquer coisa, um chocalho. E a importância deste objeto transacional no sistema de desenvolvimento da criança é uma coisa absolutamente essencial a ver, a situar, e compreender em suas precocidades.

Isto dito, detenhamo-nos nesta frustração, a saber, no fato que aqui a mensagem não vem a partir de uma data que tentamos fixar, quando nos interessávamos, há três anos, pelo estágio do espelho. Desde então não se evaporou. Eu gosto daqueles de vocês que me dizem: todos os anos, é algo diferente, o sistema muda. Ele não muda, eu tento simplesmente fazer vocês percorrerem o campo, seu campo.

O que encontramos é que o se passa nesta relação com a mãe, na medida em que a mãe impõe o que chamei, mais que sua lei, seu todo-poder ou seu capricho, e complicado pelo fato de que a criança, a criança humana, não qualquer filhote, e a experiência no-lo mostra, está aberta a uma certa relação de ordem imaginária que é a relação à *imagem do corpo próprio* e à *imagem do outro*, nomeadamente, na medida em que vemos sobre o esquema, no além daquilo que ocorre sobre a linha de retorno da necessidade satisfeita ou não satisfeita. É o que ela experimenta, as reações, por exemplo, de decepção, de mal-estar, de vertigem em seu próprio corpo, em relação a uma imagem ideal que ela tem, toma um valor absolutamente prevalente pelo fato de um traço de sua organização que temos relacionado, com mais ou com menos razão, à prematuração de seu nascimento.

18 de junho de 1958

Em resumo, vemos desde a origem, se quiserem, interferirem, jogarem entre si, dois circuitos, sendo o primeiro, para lhes fixar as idéias, o *simbólico* para relacionar as coisas com algo que conhecem bem, com este *superou* [*supermoi*] feminino infantil, e por outro lado, a *relação imaginária* a esta imagem ideal de si que nela se encontra, na ocasião de suas frustrações ou de suas decepções, mais ou menos afetadas, e mesmo lesadas.

Em outras palavras, o circuito, desde a origem, atua sobre dois planos: *plano simbólico* e *plano imaginário*, relação à imagem do objeto primordial, a mãe, o *outro*, na medida em que ela é o lugar onde a possibilidade se situa, de articular a necessidade no significante, e por outro lado, a imagem do outro, *pequeno o*, na medida em que ela é o ponto em que o sujeito tem esta espécie de laço consigo mesmo, com uma imagem que representa o que podemos chamar de a linha de seu cumprimento, cumprimento imaginário, evidentemente.

Em que consistiu tudo quanto dissemos desde o início do ano, desde que começamos a tomar as coisas no nível do *dito espíritos*?

Para ter a oportunidade de lhes trazer este esquema, de lhes mostrar sua pertinência, seu caráter inevitável no *dito espíritos*, eu disse que nada podia se organizar de uma vida mental que correspondesse ao que a experiência nos dá, a que articula na análise, a não ser que haja além deste outro, posto primordialmente em posição de ser todo-poderoso, por seu poder, não da frustração, pois é insuficiente, mas de *Versagung* com a ambigüidade de promessa e de recusa que contém o termo *Versagung*.

Que haja, se se pode dizer isso, o outro deste outro, a saber, aquilo que permite este *Outro* da palavra, que o sujeito o perceba como ele próprio simbolizado, isto é, que haja outro deste outro na oportunidade quando tomamos o triângulo do sistema edipiano familiar, se quiserem, vocês sentem que há aí algo mais radical, mais fundamental que tudo quanto a experiência social nos dá, este termo de família, e é isso que faz a permanência, quero dizer a constância deste triângulo edipiano e da descoberta freudiana.

Eu lhes disse que aí o *Pai*, com um grande P, na medida em que ele nunca é um pai, mas antes o *pai morto*, o pai na qualidade de portador de um significante como tal, significante no segundo grau, de um significante que autoriza e fundamenta todo o sistema de significantes, que faz com que, de alguma forma, o primeiro outro, isto é, o primeiro indivíduo ao qual o sujeito falante se dirige, está, ele mesmo, simbolizado.

É unicamente no nível deste outro, na *lei* propriamente falando, e de uma lei, vou insistir sobre isso, encarnada, que o mundo articulado pode tomar sua dimensão própria, o mundo humano tal como o vemos se exercer pela experiência, e tal como a experiência nos mostra como absolutamente indispensável, este segundo plano, de um outro em relação ao outro sem o qual o universo da linguagem tal como se mostra eficaz na estruturação, não só das necessidades, mas deste algo novo de que tento demonstrar, fazer entender este ano, a dimensão original e que se chama o *desejo*, se articular.

É neste nível que se apercebe, no nível em que o *Outro* na qualidade de lugar da palavra, este *Outro* que poderia pura e simplesmente ser o lugar do som de sininho de que eu falava há pouco, que não seria, pois, propriamente falando, um outro, mas simplesmente o lugar organizado deste sistema dos significantes introduzindo sua ordem e sua regularidade das trocas vitais no interior de uma certa espécie. Não se vê bem, quem teria podido organizá-la, e afinal, se pode pensar que numa sociedade determinada, os homens cheios de

18 de junho de 1958

benevolência trabalham para organizá-la e fazê-la funcionar. Pode-se até dizer que é um dos ideais da política moderna.

Porém, o *Outro* não é isso: justamente ele não é pura e simplesmente o lugar que é este algo perfeitamente organizado, fixado, fixo. Ele é um outro simbolizado ele mesmo. É isso que lhe dá sua aparência de liberdade. Que ele esteja simbolizado é um fato, e que o que ocorre neste nível do Outro, do Outro, isto é, na oportunidade, do pai, do lugar onde se articula o lugar do ponto de mira onde ele, que depende de um outro, este outro ele mesmo, está submetido à articulação significante, marcado por algo que é o efeito desnaturante - isso seja enfatizado - de nosso pensamento, desta presença do significante que ainda está longe de ter alcançado este estado de articulação perfeita que tomamos aqui como uma espécie de hipótese de partida, unicamente para ilustrar nosso pensamento, deste efeito do significante sobre o outro como tal, desta marca que sofria neste nível. É esta marca que a castração como tal representa.

Se na tríade castração-frustração-privação temos tempos atrás acentuado bem que na castração a ação é simbólica, que o agente é real, que é de um pai real que se precisa, que a castração existe, que a castração é simbólica e que ela concerne a algo imaginário. Reencontramos aí a necessidade: é na medida em que algo passa do real ao nível da lei, um pai mais ou menos fracassante, não importa. Ou algo que o substitua ou que ocupe seu lugar, aí ocorre isto: que no sistema da demanda onde o sujeito se instaura, se reflete este algo que lhe é o segundo plano, a saber, que marca neste sistema da demanda, muito longe de ser articulado, perfeito, com pleno rendimento ou pleno uso, que marca em seu segundo plano este algo que se chama efeito do significante sobre o sujeito, marca do sujeito pelo significante, falta, dimensão da falta introduzida no sujeito pelo significante.

Esta falta introduzida está simbolizada como tal no sistema de significantes como sendo o efeito do significante sobre o sujeito. O significado que não vem, por assim dizer, tanto das [profundezas]¹, como se a vida florescesse em significações, mas que vem aliás da linguagem e do significante como tal, para nela imprimir esta espécie de efeito que se chama significado.

Isto é primitivamente simbolizado, como o indica o que trouxemos sobre a castração. O fato que aquilo que serve de suporte à ação simbólica própria que se chama castração é uma imagem, escolhida, por assim dizer, no sistema imaginário para lhe ser o suporte; este algo onde a ação simbólica da castração escolhe seu signo é tomado de empréstimo no domínio imaginário, algo na imagem do outro é escolhido para levar a marca de uma falta que é esta própria falta por onde o vivente se apercebe, porque ele é humano, isto é, porque está em relação com a linguagem, se apercebe como excluído da completude dos desejos, como algo limitado, local, como uma criatura, na oportunidade como um elo na linhagem vital, como não sendo senão um daqueles pelos quais a vida passa, diferentemente do animal, o que efetivamente não é senão um daqueles que realizam o tipo que a este título pode ser considerado por nós como em relação ao tipo, cada indivíduo como já morto.

Para eles, nós o somos também. Já estamos mortos em relação ao próprio movimento, este movimento da vida, que, por causa da linguagem, somos capazes de projetar em sua totalidade e até mais, em sua totalidade como tendo alcançado seu fim.

¹ Há uma nota de rodapé na própria transcrição: *profundezas*, estando a palavra quase apagada.

18 de junho de 1958

É exatamente o que Freud articula na noção de indício de morte. Ele quer dizer que, para o homem, a vida desde já se projeta como tendo alcançado seu termo, isto é, o ponto onde ela retorna à morte.

Esta articulação por Freud do instinto de morte é a articulação essencial de uma posição essencial a um ser animal tomado e articulado num sistema significativo que lhe permite dominar sua imanência de ser vivo, e de se avistar como já morto.

É o que ele não faz, a não ser de maneira imaginária, quero dizer aqui como virtual, como no limite, como de maneira especulativa. Evidentemente não há experiência da morte que possa responder e é por isso que é simbolizado de outra maneira. É simbolizado sobre este ponto e este órgão preciso onde aparece da maneira mais sensível aquilo que é o crescimento da vida. É por isso que é o *lâq* na medida em que representa simplesmente a subida da potência vital que toma lugar na ordem dos significantes, para representar para o indivíduo humano em sua existência, aquilo que está marcado pelo significante, aquilo que, pelo significante, está marcado por esta caducidade essencial onde pode se articular no próprio significante esta falta a ser cuja dimensão o significante introduz na vida do sujeito. É o que nos permite entender em qual ordem as coisas se apresentaram para a análise a partir do momento onde simplesmente alguém não partiu da escola para ir ao fenômeno, mas partiu simplesmente dos fenômenos tais como ele os via se manifestarem nos neuróticos, terreno eleito para manifestar esta articulação em sua essência, simplesmente pelo que se manifesta em sua desordem. E a experiência tem provado que é sempre na desordem que aprendemos a encontrar o mecanismo e as articulações da ordem, bastante facilmente.

Podemos dizer que o que primeiro se deu a Freud por uma experiência que colocou logo no primeiro plano, promoveu à subjacência do complexo da castração como tal, é algo que, como todos sabem, partiu da apreensão e da percepção dos sintomas do sujeito.

O que o sintoma quer dizer? Onde, neste esquema, se situa ele?

Ele se situa em algum lugar em $s(A)$, que ocorre no nível da significação. É essencialmente tudo quanto Freud trouxe: é um sintoma, uma significação. Um sintoma é um significado, um significado, um significado que está muito longe de interessar somente o sujeito. É sua história toda, sua anamnese que está implicada. É por isso que se pode legitimamente simbolizá-lo neste lugar por um pequeno $s(A)$. Entendam: significante do Outro vindo como tal do lugar da palavra.

Mas o que Freud também nos ensinou é que o sintoma nunca é simples, é sempre superdeterminado. Não há sintoma cujo significante não seja trazido de uma experiência anterior, precisamente de uma experiência situada no nível onde se trata daquilo que está reprimido e daquilo que é o coração de tudo quanto está reprimido no sujeito, a saber, este complexo de castração, deste significante de **A** que é algo que, sem dúvida alguma, se articula no complexo de castração, mas que não forçosamente sempre articulado nele. O famoso traumatismo do qual partimos, a famosa cena primitiva o que é, se não for algo que entra na economia do sujeito, e que atua no coração, no horizonte da descoberta do inconsciente, sempre como um significante na medida em que está definido em sua incidência, tal como há pouco comecei a articulá-la, a saber, que a vida, quero dizer o ser vivo visto como vivo, na qualidade de vivo, mas com esta distância que é justamente aquela que constitui esta autonomia da dimensão significativa, o traumatismo ou a cena primeva.

18 de junho de 1958

O que é, pois, senão for esta vida que se agarra nesta horrível apercepção dela mesma, em sua estranheza total, em sua brutalidade opaca como puro significante de uma existência intolerável para a própria vida, logo que se afasta para ver o traumatismo e a cena primeva. É o que aparece da própria vida como significante no estado puro, isto é, como algo que ainda não pode de maneira alguma se resolver, se articular. Esta necessidade, este segundo plano do significante em relação ao significado é este algo que, desde a partida, desde que Freud começa a articular o que um sintoma é, está por ele implicado na formação de todo e qualquer sintoma; e o que vimos estes últimos tempos no histérico, se não for isto que nos permite situar onde se encontra o problema do neurotizado?

É um problema de relação de significante com sua posição de sujeito dependente da demanda. É em que o histérico deve articular algo que chamaremos provisoriamente de seu desejo, e o objeto deste desejo, na medida em que não é o objeto da necessidade. É por isso que insistiu um pouco sobre o sonho dito da bela açougueira.

Aquilo de que se trata, o que é? Aparece aqui de maneira muito clara, e Freud o diz logo no início, desde os primórdios da psicanálise, que se trata para o histérico de manter, de fazer subsistir o objeto do desejo na qualidade de distinto e independente do objeto de toda e qualquer necessidade.

Esta relação ao desejo, à manutenção, à constituição sob sua forma enigmática do desejo como tal, em seu segundo plano em relação a toda e qualquer demanda, é todo o problema do histérico, e todos sabem que isto, a saber, é, se quiserem, algo que chamamos de X, indizível desejo.

O que é o desejo de meu histérico? É aquilo que lhe abre, não direi o universo, mas todo um mundo que já é bastante vasto, a saber, a dimensão que podemos chamar de a dimensão latente a toda e qualquer espécie de ser humano no mundo, a saber, tudo quanto pode se apresentar como questão sobre seu próprio desejo.

Eis com que o histérico está se comunicando totalmente; primeiro, com tudo quanto pode ocorrer, evidentemente, desta ordem em todos os seus irmãos e irmãs histéricos, a saber, que é sobre isso, como Freud bem articula, que repousa a identificação histérica. A toda e qualquer histérica corresponde tudo quanto, na atualidade, ocorre em alguns outros, se coloca, quer seja perguntas sobre seu próprio desejo, particularmente e na qualidade de histérica, mas na medida em que é um modo histérico de fazer uma pergunta, mesmo em alguém que pode ser histérico ocasionalmente ou de maneira latente.

O mundo é aberto por esta pergunta sobre seu desejo; à histérica; um mundo de identificação que a coloca, propriamente falando, em relação com a mais cara, quero dizer, com tudo quanto pode, de qualquer maneira, fixar, simbolizar segundo um certo tipo, esta pergunta sobre o desejo que a faz parente da histérica, digamos do apelo aos histéricos como tais, que a fez identificada a uma espécie de máscara geral sob a qual se agitam todos os modos possíveis de máscara.

Chegamos agora ao obsessivo. A estrutura do obsessivo está designada também por uma relação com o desejo que não é a relação d/x que é uma outra relação que lhes indiquei como sendo nele essencial, que chamaremos hoje, se quiserem, d_o.

A relação do obsessivo está submetida a isto, que conhecemos desde muito graças a Freud, a saber, o papel precoce que desempenhou o que se chama *Triebentmischung* des fusão das pulsões, isolamento, de algo que se chama destruição. É na medida em que a primeira

18 de junho de 1958

abordagem do desejo do obsessivo foi, como para todo e qualquer sujeito, o aporte do desejo do outro, que este desejo do outro foi primeiro destruído, anulado, que toda a estrutura do obsessivo se engaja e que é, como tal e unicamente por isso - não digo algo muito novo, ao dizer isso, simplesmente o articulo de maneira nova - que ela é como tal, e a partir daí, determinada.

Quando tiverem em mão obsessivas, e aqueles que já têm deles em mão sabem que é um traço essencial de sua condição, de sua estrutura, que não somente, como já anunciei, que seu próprio desejo baixa, pisca, vacila e desaparece à medida que ele se aproxima dele, levando aqui a marca disto, que primeiro o desejo tem sido abordado como algo que se destrói porque a reação do desejo do outro se apresentou a ele como algo que, sendo seu rival, como algo imediatamente levou a marca à qual ele reage com o estilo da reação de destruição que é a reação subjacente da relação do sujeito à imagem do outro como tal, à esta imagem do outro na medida que ela o desapossa e o arruina.

Há, pois, esta marca que permanece, na abordagem pelo obsessivo, deste desejo, que faz com que toda e qualquer aproximação o faça desaparecer. É o que o autor de quem estou falando, e, na oportunidade, critico, naquilo que venho desenrolando para vocês desde algumas lições, é o que o autor percebe como aquilo que ele chama de distância ao objeto, e que ele confunde com aquilo que chama de destruição do objeto. Quero dizer que a idéia que ele faz da psicologia do obsessivo é a de alguém que deve perpetuamente se defender, se proteger da loucura, da loucura como destruição do objeto.

Não há aí - explicarei por que - senão uma projeção no autor de algo que é - haja visto a perspectiva onde ele opera e aonde quer chegar, à resolução deste problema do desejo no obsessivo pela via onde ele passa, onde ele a concebe, não somente em função de suas insuficiências sobre o plano teórico, estas insuficiências de seu pensamento no plano teórico, mas também no plano pessoal, pois isto não passa de um fantasma, um fantasma necessitado, de alguma forma. Mostrarei em que, pela perspectiva imaginária em que ele engaja a solução do desejo no obsessivo, mas é de experiência corriqueira, patente, que nos obsessivos típicos não há o menor perigo de psicose, aonde quer que seja que o levem, e direi por que quando o tempo para isso chegar. Poderia dizer por que na medida em que as coisas estão articuladas de uma maneira que pode lhes mostrar até que ponto um obsessivo, em sua estrutura, difere de um psicótico.

Em compensação, o que se vê naquilo, justamente, apesar de mal traduzido, é efetivamente isto: que o obsessivo não se mantém numa relação possível com seu desejo senão à distância. É a distância a seu desejo que o obsessivo deve manter, e não a distância ao objeto. O objeto, vamos ver, tem, na oportunidade, uma função toda diferente, e o que a experiência mostra da maneira mais clara é que precisamente ele deve se manter a uma certa distância de seu desejo, para que este desejo subsista. Mas isto tem outra face que é esta: é que na medida em que o obsessivo - observem isto na clínica e no concreto - estabelece com o outro uma relação que, de alguma forma, se articula no nível da demanda, que se trata de sua mãe primeiro, mas em todo o prosseguimento das coisas e nomeadamente para com seu cônjuge, pois o que quer dizer para nós a análise, o que pode querer dizer este termo de cônjuge, senão algo que toma sua articulação plena no nível das coisas onde tentamos situá-las? É aquele com quem é preciso, de uma maneira qualquer, de bom grado ou de mau grado, voltar a estar o tempo todo numa relação de demanda, alguém com quem se está o tempo todo, mesmo se, sobre toda uma série de coisas se cala, nunca é sem dor. A demanda demanda ser feita até o fim.

18 de junho de 1958

O que ocorre sobre o plano das relações do obsessivo com seu cônjuge? É mui exatamente isto que é o mais sutil para se ver, como vocês o verificarão, observarão quando se derem este trabalho. É que o obsessivo se esforça em destruir o desejo do outro. Toda e qualquer aproximação no interior, se assim se poder dizer, da área do obsessivo, se salda, normalmente, se não ficarmos atentos, por um ataque surdo, um desgaste permanente que tende, no outro, e pelo fato do obsessivo, a terminar com a abolição, a desvalorização, a depreciação daquilo que é seu próprio desejo.

Estas são nuances, termos cujo manuseio certamente requer um certo exercício. Mas fora estes termos, nada nos permitirá perceber a verdadeira natureza do que está ocorrendo. Eu já disse, eu já acentuei em outra parte que o passado do obsessivo, na infância do obsessivo, este caráter todo peculiar e acentuado que toma nele a articulação da demanda.

Sobre este esquema vocês começam a poder entender e situá-lo pois o que já lhes havia marcado ao representar esta criancinha que está constantemente pedindo alguma coisa, e, que coisa notável, tem esta propriedade em todas as crianças que efetivamente passam seu tempo pedindo algo, de ser aquele de quem esta demanda é sempre sentida, e pelos mais bem intencionados daqueles que o rodeiam como sendo, propriamente falando, insuportável, a criança chata, como se diz. Não é que ela peça coisas mais extraordinárias que os outros, é sua maneira de pedir. É na relação deste sujeito à demanda que jaz este caráter específico ou precoce da articulação da demanda naquele que desde já, no momento em que isto se manifesta, por exemplo, no período de declínio do Édipo, no período dito de latência. É disto que se trata.

Quanto à nossa histérica, vimos que, para sustentar seu desejo enigmático, algo nela é usado como artifício, o que podemos representar, se quiserem, pela formação de duas tensões paralelas, idênticas a este nível de formação idealizante, a identificação a um pequeno outro. Pensem no sentimento do senhor K. para Dora. Todo histérico, por sinal, num dos lugares de sua história, tem um suporte semelhante que vem desempenhar aqui o mesmo papel de suporte que **A**.

O obsessivo não toma a mesma via, o mesmo caminho. Ele é, pelo contrário, eixo para se virar com este problema de seu desejo, ele deve partir com outros elementos, deve partir de alhures. O que estou começando a lhes mostrar é em que - precoce e essencial - é numa certa relação à sua demanda que ele pode, em sua relação ao outro, manifestar a especificidade e o lugar, manter, se assim se pode dizer, a distância necessária para que seja possível em algum lugar, mas de longe, a posição deste desejo anulado em sua essência, desta espécie de desejo cego cuja posição se trata de manter.

Vamos dar a volta, circunscrever esta relação do obsessivo a seu desejo. Isto é um primeiro traço da relação específica do sujeito à sua demanda. Há outros.

Observemos isto: o que é a obsessão? Vocês sabem a importância que a fórmula verbal tem nela, até o ponto que se pode dizer que a obsessão é sempre algo verbalizado. Freud não tem dúvida alguma a respeito. Mesmo quando lida com uma conduta obsessiva latente, ele considera que não faz senão revelar sua própria estrutura, tanto ela toma a forma de uma obsessão verbal. Ele vai até dizer que se fez bem em articular os primeiros passos, mesmo na cura de uma neurose obsessiva, que quando se faz dar pelo jeito, seus sintomas, o que se chama todo seu desenvolvimento, o que pode se apresentar clinicamente como um agravamento, e aquilo de que se trata é uma espécie de destruição de todas as formas obsessivas sem algo efetivamente articulado.

18 de junho de 1958

Mas será necessário insistir sobre o caráter de anulação verbal, de caráter verbal que vai partir das estruturas da própria obsessão? E todos sabem que o que lhe faz o caráter fenomenologicamente angustiante para o sujeito é isto: é que se trata de uma destruição verbal pelo verbo e pelo significante. O sujeito se encontra como a presa desta destruição chamada de mágicas, não sei por que - por que não dizer simplesmente verbal? - do outro que está dada na própria estrutura do sintoma.

Isto nos introduz numa fenomenologia que é essencial percorrer para entender sua necessidade.

Direi que, da mesma forma que citam aqui o circuito do histérico que termina em ambos os planos, isto é, a uma idealização ou identificação no esquema neste nível superior que é o paralelo e a simbolização que passa pelo plano imaginário aqui. Se eu me permitisse, me autorizasse, utilizar até o fim este esquema, diria que, para o obsessivo, o circuito é aproximadamente algo como isto, da mesma forma que o reencontramos aqui.

Vou explicar: o esquema da obsessão verbal, este esquema destrutivo da relação com o outro, este receio de machucar com pensamentos, vale dizer, por palavras, pois são pensamentos falados, machucar o outro, esta obsessão também da blasfêmia é algo que nos introduz toda uma fenomenologia na qual seria conveniente se deter um pouco demoradamente.

Não sei se já se interessaram pela blasfêmia. Em si, é uma muito boa introdução verbal, este tema, este assunto da blasfêmia.

O que é blasfemar? Gostaria que algum teólogo me respondesse. Digamos que é algo que faz decair um significante eminente do qual se trata de ver em que nível da autorização significante, onde se situa sua relação com este significante supremo que se chama o Pai desconhecido, ele não se confunde absolutamente, ele desempenha um papel homólogo, que Deus tenha uma relação com a criação, significante como tal, não é duvidoso, e que a blasfêmia em sua essência seja algo que não se situa absolutamente senão nesta dimensão, isto é, algo que faz decair este significante ao lugar de objeto, que, de alguma forma, identifica o *logos* a seu efeito metonímico, que o faz descer de um escalão, é algo que provavelmente não é a boa resposta, a resposta completa à questão da blasfêmia, mas certamente é uma aproximação essencial para aquilo de que se trata na obsessão, sacrilégio verbal, quero dizer, no fenômeno que se constata no obsessivo.

Lembrem-se do episódio do *homem dos ratos*, esta ira furiosa contra seu pai que se apossa dele com a idade de quatro anos, se minha memória não falhar, onde ele começa a rolar no chão chamando-o de *tu, toalha; tu, prato* etc. Como sempre, é em Freud que encontramos as coisas mais colossalmente exemplares de uma verdadeira colisão e colusão do *tu [ta]* do outro, com este algo inerte, este efeito decaído da introdução do significante no mundo humano que se chama um objeto e especialmente um objeto inerte, um objeto que por si, não é senão um objeto de troca, de equivalência, e toda a ladainha da raiva da criança indica bastante bem: não se trata de saber se ele é lâmpada, prato ou toalha, mas de saber que o *tu [ta]* desce, está destruído na qualidade de objeto.

Vocês me dirão que aquilo de que trata nesta destruição do outro na obsessão verbal é algo, e me permitirão terminar com isso, posto que seremos forçados a parar com isso, hoje, eu diria que este algo que está ocorrendo aqui e cuja estrutura toda veremos na próxima vez, este algo que faz com que não é numa certa articulação significante que o sujeito obsessivo consegue preservar o outro, que o efeito de destruição ao qual ele aspira, para o qual ele

18 de junho de 1958

tende a sustentá-lo graças a uma articulação significativa e pensem bem nisto, vocês encontrarão aí a própria trama deste mundo que o obsessivo vive: o obsessivo é um homem que vive no significativo, está mui solidamente instalado nele, não há absolutamente nada a temer, este significativo, para ele, basta para preservar a dimensão do outro, mas é uma dimensão de alguma forma idolificada e seu esquema nos dá este tema que lhes lembro da observação do *homem dos ratos*, eu diria que o francês nos permite articulá-lo de uma maneira que já indiquei aqui, aliás não será uma surpresa para vocês, no nível da relação ao outro, e do tu que começa aqui; o que o sujeito articula ao outro é: *tu és aquele que me*

E para o obsessivo, isso pára aqui, a palavra plena que é aquela onde se articula o engajamento do sujeito numa relação fundamental com o outro, não pode acabar, a não ser por esta espécie de repetição de onde um humorista fazia surgir o famoso *to be or not* e o cara coça a cabeça para continuar *to be or not* , *to be or not* e é repetindo que ele encontra o fim da frase: *tu és aquele que me* , *tu és aquele que me* , *tu és aquele que me mata*. A língua francesa nos dá aqui este esquema fundamental desta relação com o outro que está fundamentada sobre uma articulação que, de alguma forma, se forma ela mesma sobre a destruição do outro, mas que, pelo fato que ela é articulação significativa, a faz subsistir. É no interior desta articulação que vamos ver qual é a relação, este lugar do significativo *falo* quanto ao ser e quanto ao ter, isto sobre o que ficamos no fim desta última sessão, que nos permitirá ver a diferença que há entre uma solução que permitiria mostrar ao obsessivo como está realmente sua relação ao falo na qualidade de significativo do desejo do outro, ou de satisfazê-lo numa espécie de miragem imaginária de concessão da demanda de simbolização pela análise do fantasma imaginário, este algo de que vocês sabem em que direção se desenrola toda esta observação, aquela que consiste em dizer à mulher: *você tem inveja do pênis? Pois ...* como dizia o senhor Casimir Périer a um cara encurralado contra um poste, um pouco amedrontado: *o que você quer?* E o cara responde: *A liberdade. Pois você a tem?* responde ele, e passa entre as pernas do cara estupefato. Talvez não seja o que podemos esperar de uma solução analítica. A própria terminação desta observação, esta espécie de identificação eufórica do sujeito, a descrição que cobre inteiramente um ideal masculino encontrado na análise, talvez seja algo que traz ao sujeito uma mudança em seu equilíbrio, mas certamente não aquela que é a verdadeira resposta à questão do obsessivo.